

## **IMPACTO**

Pseudônimo: FLORISBELA

**Adalgisa Botelho de Mendonça**

LETRAS

A mulher lenta e solene pousa na cadeira invisível no canto do quarto. Levanta-se, pega um livro na estante inexistente, folheia-o com atenção e destreza, sabe onde encontrar a página que procura. Olha-a, aos poucos sua fisionomia se transforma, adquire brilho nos olhos e sorri com uma leve ironia. O estilo do autor a contagia, passa a página, já com uma incontida expressão de prazer fundo, de alma serena. Continua a ler um pouco mais, com imenso interesse e, balançando levemente a cabeça, deposita o livro com peso, formato e cor na estante quase real, separa com a mão esquerda o espaço reservado para ele, meio-apertado, dando leves toques para ajustá-lo melhor. Com seu meio-sorriso senta na cama como se ela fosse irreal, sustentando o peso do corpo nas pernas, os braços apoiados nas coxas, tensão máxima. A mulher-animal-atento fixa o olhar no quadro com interesse e atenção, mas sabe que prescruta a própria mente. O quadro é imenso, com a borda superior meio-inclinada, projeta-se ameaçadoramente para frente como se quisesse fisgá-la. O medo começa a se instalar na mulher-animal-atento que se defende inclinado a cabeça para baixo e se estremece num instante de desequilíbrio. A parede deixa de existir, só o quadro sobressai, tomando forma cada vez mais ameaçadora, enrobustecendo, individualizando-se. A mulher cai de

cabeça se enroscando nas pernas, vibrando como uma semente que incha, respiração ofegante e rola pelo chão; ora com suavidade, ora apressada, para bater na cadeira, estante, cama e depois desviar. Os objetos limitam o seu espaço. Num acesso de fúria ela levanta e quebra a cadeira e estante inexistentes que a incomodaram. Ouve-se o barulho de madeira lascando quando ela pega a cadeira pela perna para bater várias vezes no chão. Joga o caco de perna contra a estante que desaba com livros. Ela dá um pulo para trás tentando livrar o pé do peso da estante. Pega outro caco de cadeira e sai batendo na estante, mas tem o cuidado de não ferir os livros, os quais toca com ternura, sentindo o relevo das letras, a textura das capas; se enternece. Exausta, saltando os cacos e objetos do chão, se enfia debaixo da cama. Mais calma, seu rosto volta a fixar o quadro, agora inofensivo, impassível. Lentamente se levanta, salta os cacos e livros e, como se possível fosse, apóia-se na tábua da estante existente-inexistente e arranca o quadro da parede. Abraça-o com ternura, senta no chão, toca as suas cores e, redescobrimdo-o, contorna as suas linhas com o dedo. Ela sorri. Depois se levanta, volta a se apoiar no caco de estante e pendura-o com a face voltada contra a parede. Mais leve, saltando os objetos no chão, abre a porta do quarto e sai.

A mulher de preto, sentada na cama, telefone no chão. O homem morto, nu, de braços, o braço pendente. O policial, da porta, fotografa a imagem da televisão, o colorido da cortina, a textura do cabelo da mulher em ângulo restrito, pois não interessa o revólver, as evidências, as luvas cuidadosamente colocadas. Não se pode esquecer dos brincos de argola, dourados, brilhantes, sob o reflexo da luz. A vítima expõe a marca da sunga no doce sono da morte.

A volúpia do gesto arrebatado sob a roupa colada no corpo. A perna levantada, tensa, mais revela que comprime o prazer. O ombro semi-nu, anguloso em suas sombras ósseas. Vontade de tocar, deslizar as mãos sobre a pele nua. A calça desbotada, pendurada, registra a nova cena e sugere murmúrios incontidos. Com os cabelos levemente caídos na testa, o homem, quase teatral,



Ilustração: Paulo Roberto Barbosa

observa a mulher no seu abandono. Abre os braços em diagonal e paira, como um planador ao redor da mulher. A semente incha na água. Ele ergue o rosto, puxa a própria camiseta preta sobre o corpo musculoso, sem pelos, revelando o mamilo.

A mulher sente o cheiro do homem. Ambos farejam movimentos. Ensaíam passos de balé, precisos, ocupam os espaços vazios em contínuo movimento, a espera do toque sutil.

Boca na boca, as mãos distraídas nos cabelos claros. Fluidez irrequieta de desejo entre lençóis leves e claros. As mãos macias, os dedos longos, nariz explora ouvido. Inspirar-expirar, inspirar-expirar. Mais apressado, o sangue percorre as veias cheias de vida.

Os membros retorcidos, presos na folha de amarelo-intenso, mas com um pouco de acuidade, nota-se um rosto calmo, sereno, entre as imagens gritantes, carregadas. O quadro descansa na parede imensa, quase nua. Uma cama de ferro leve, simples, de verde desmaiado. O quadro grita na parede, pede socorro na atmosfera calma de quarto nu. Fissura em carne viva.

O policial, da porta, fotografara o grito da mulher, mais que o corpo inerte do homem.

Preso na cela-hospital, a mulher volta a tocar o quadro-foto. Abraça-o com ternura, senta no chão, toca as suas cores e, redescobrimdo-o, contorna as suas linhas com o dedo. Ela sorri. Depois se levanta, volta a se apoiar no caco de estante e pendura-o com a face voltada contra a parede.